



Leitura do Conto **O Beijo**, de Anton Tchekhov



Brutus Abel



RESUMO

Análise do conto O Beijo de Anton Tchekhov, na qual se prioriza o patético retrato psicológico do protagonista, em face da hipocrisia e do tédio da sociedade.



ABSTRACT

Analysis of Anton Tchekhov's short story The Kiss, in which we prioritize the pathetic psychological portrait of the protagonist, in face of the society's hypocrisy and tedium.





PALAVRAS-CHAVE

Literatura russa; Anton Tchekhov; retrato psicológico.



KEY WORDS

Russian literature; Anton Tchekhov; psychological portrait.

1.

A precisa escrituração do miniaturista Anton Tchekhov, aliada a uma aguda compreensão do desempenho da psique humana, quando esta se depara com relações sociais cristalizadas e ideais de felicidade impossíveis de serem realizados, pode expressar, simultaneamente, uma magnífica crueldade e humor. Neste célebre e longo conto, *O Beijo* (1887), narrado com o mesmo realismo atroz e simbólico que marca grande parte de sua obra relativamente distante do caráter épico de um Tolstói e um Dostoiévski, por um narrador que deve ser onisciente, isso é exemplar. Ao chegar à aldeia de Miestietchko, uma brigada de soldados da infantaria é convidada, por um homem a cavalo, a tomar chá na casa do velho Tenente-General Von Rabbek; o convite — e isso é bastante explícito — não resulta de uma verdadeira generosidade para com os bravos visitantes, mas de uma tradição que se cumpre com certo

tédio: as boas maneiras, a educação e a posição na sociedade assim o exigem. Entre os doze soldados que comparecem à casa do general, encontra-se a principal personagem, o Capitão Riabóvitch: um homem aparentemente bastante educado, mas cuja figura e comportamento visivelmente contrastam com os dos demais garbosos soldados; seu retrato evoca o ridículo:

oficial pequeno, um tanto curvado, de óculos e de suíças que lembravam um lince. Enquanto uns dos seus colegas aparentavam seriedade e outros tinham um sorriso forçado, o seu rosto, as suíças de lince e os óculos pareciam dizer: 'Sou o mais tímido, o mais modesto, o mais incolor dos oficiais de toda a brigada!' (TCHEKHOV, 2006, p. 17).

Assim, ele, que nunca dançou com mulher algumas - todavia apreciava observar outros dançarem - torna-se um ser quase invisível naquela teatral reunião; as pessoas, entretidas com fúteis atividades, quase não o notam e se o notam é com indiferença ou desagrado. Contudo, ele parece ter adquirido um estranho entendimento de sua situação: com o fato de ser tímido, com o fato de seu físico, pouco avantajado e esquisito, condicionar enormemente seu modo de ser. Porque, numa perspectiva meramente material, o corpo, sua forma, sua aparência, o modo como outros irão percebê-lo e julgá-lo, não deixa de ser determinante para o desenvolvimento da personalidade, para o modo como uma pessoa irá pensar, sentir e conduzir sua própria vida, para o modo como irá se comportar e ser perante outros e perante si mesmo; e esse protagonista não deixa de ser um paradigma dessa dura realidade. "Houve um tempo em que ele invejava a vivacidade e coragem dos seus colegas e sofria no íntimo; a consciência de que era tímido, curvado e incolor, que tinha um corpo comprido e suíças de lince", escreve Tchekhov, «ofendia» profundamente a Riabóvitch, «mas, com o passar dos anos, essa noção tornou-se um hábito, e agora, olhando os que dançavam ou falavam alto, ele não tinha mais inveja, mas apenas comovia-se entristecido» (TCHEKHOV, 2006, p. 19).

O capitão, que não deixa de ser uma espécie de marginalizado em seu próprio meio, parece, a princípio, relativamente resignado com o que a natureza lhe ofereceu: mas resignar-se, aqui, não significa aceitar com calma aquilo que se supõe não ter forças para mudar;

resignar-se, aqui, é esconder um antigo e secreto desejo.

Doravante, esse desejo será desperto. Após assistir a um jogo de cartas, Riabóvitch, aparentemente sem saber muito o que fazer, perde-se na grande casa do general. Quando adentra um quarto escuro, o destino lhe havia reservado uma ambígua surpresa: ele recebe — um dos mais freqüentes e mais misteriosos dos gestos humanos, símbolo de tantos e tão variados valores, do amor à traição— um beijo, um beijo que a ele não fora destinado. A cena que descreve esse momento demonstra como a subjetividade da consciência reage à objetividade de um fato, o quanto o real é transformado por sentimentos latentes:

inesperadamente para ele, ouviram-se passos apressados e um frufu de vestido, uma ofegante voz feminina murmurou: «Até que enfim!» e dois braços macios, cheirosos, indiscutivelmente femininos, envolveram-lhe o pescoço; uma face tépida apertou-se contra a sua e, ao mesmo tempo, ressoou um beijo. Mas, imediatamente, aquela que o beijara soltou um pequeno grito e, foi a impressão de Riabóvitch, afastou-se dele com repugnância, num movimento brusco. Ele também por pouco não gritou, e correu para a fenda fortemente iluminada da porta [...] (TCHEKHOV, 2006, p. 20).

Mesmo que não tenha sido o alvo real do beijo, do afeto, do desejo ou do capricho de alguém, mesmo que tudo tenha sido um patético engano, pois aquela moça (assim o capitão facilmente infere) certamente esperava por um outro, o simples acontecimento de ter sido beijado torna-se, naquele momento, capital em sua vida. Algo que para muitos seria corriqueiro, banal, uma experiência logo transformada em frágil lembrança, raramente evocada, para ele adquire grande e precioso significado: porque nem todos os gestos são percebidos e valorados da mesma forma. Assim, Riabóvitch sente uma inusitada felicidade e acaba, surpreendentemente, não se importando tanto com o que digam dele, com o seu ««físico indefinido»» (assim se descrevera o seu aspecto exterior numa conversa de senhoras, que ele ouvira sem querer)» (TCHEKHOV, 2006, p. 21). Tudo então lhe parece alegre,

iluminado; até mesmo os seus anfitriões, aquela família insincera, lhe agradam. Ele procura, agora, se envolver mais com aquelas pessoas e, naturalmente, descobrir quem daquelas moças ali presentes foi a que, por engano, o beijou: quer reconhecê-la na mulher de vestido lilá, a filha do Tenente-General Von Rabbek, na moça com quem o fanfarrão, mulherengo e mentiroso Tenente Lobitko flertava, uma jovem loira vestida de preto; quer reconhecê-la em outras. Contudo, ele não a encontra, não pode encontrá-la, pois desconhece o rosto dela.

No fim da festiva reunião, cada um dos embriagados soldados teve

provavelmente o mesmo pensamento que Riabóvitch: chegara também para eles o dia em que, a exemplo de Rabbek, terão uma casa espaçosa, família, um jardim, quando também eles terão a possibilidade de tratar as pessoas com carinho, ainda que insincero, torná-las fartas, embriagadas, contentes? (TCHEKHOV, 2006, p. 23).

Com essa lúcida descrição das patéticas relações humanas, da inveja dos mais pobres de um lado e da hipocrisia dos mais ricos de outro, o narrador vem a explicitar ainda mais o que realmente ocorreu com o seu protagonista naquela noite. Um inofensivo beijo despertara, na consciência do tímido Riabóvitch, aquele antigo e secreto desejo, que agora se revela como o “justo” desejo de ser feliz e de ser feliz romanticamente, dentro de restritos e opressivos padrões culturalmente estabelecidos. Descobre ou quer descobrir assim que também para ele uma mulher que o ame e filhos, o reconhecimento perante os seus por ter sido capaz de constituir uma família, capaz de cumprir com as limitadas etapas da vida social, todas essas “coisas” — e nesse sentido, elas não passam de coisas— são finalmente possíveis; que também ele é, apesar de sua extrema timidez e de não ser belo, merecedor ou digno de se realizar nas relações sócio-afetivas e, o leitor freudianamente intui, de consumir, enfim, o ato sexual. Afinal, sendo um capitão, as pressões sociais, já presentes em sua consciência, podem também começar a surgir diretamente pela parte dos outros. Após o beijo, a sua outrora amarga resignação cede lugar a uma não menos

amarga esperança; o que, em sua consciência era improvável, deixa de o ser. A realidade adquire um outro matiz, preenche-se de possibilidades.

‘Tudo o que eu agora sonho e que me parece impossível e não terrestre é, na realidade, muito comum’, pensava Riabóvitch [...]. ‘Tudo isto é muito comum e experimentado por todos... Por exemplo, este general amou um dia, agora está casado, com filhos. O Capitão Vákhter também se casou e é amado, não obstante a sua feia nuca vermelha e a ausência de cintura... Salmanov é rude e demasiado tártaro, mas teve um romance que acabou em casamento... Eu sou igual aos demais e, cedo ou tarde, hei de passar pelo mesmo que eles..’ (TCHÉKHOV, 2006, p. 30).

Ser aceito: eis o que Riabóvitch deseja.

2.

Na exigente sociedade burguesa, na qual a possibilidade de ascensão aumenta relativamente em comparação com a rígida estratificação de outrora, é compreensível que as pessoas, almejando aceitação, almejando reconhecimento e sucesso, passem muito tempo construindo, imaginando, devaneando, por vezes com profusão de detalhes, possíveis futuros, nos quais possam ser mais felizes ou, ao menos momentaneamente, consolar-se da dura realidade em que vivem e são. Projetam imagens e narrativas, não raro cíclicas, materializações mentais de desejos e esperanças, mesmo sabendo que esses mesmos desejos e esperanças muitas vezes sejam, na realidade, inalcançáveis ou improváveis, e com as quais uma pessoa regrada pela mais pura objetividade e racionalidade muito dificilmente se desgastaria. Talvez um dos assuntos com o qual a consciência quiçá mais tempo gaste, mesmo diante de situações a exigir rápidas decisões pragmáticas, seja com esses sonhos despertos, breves e egoísticas utopias pessoais, e muito menos com projetos e ações para realizá-los. Deles, Riabóvitch torna-se um comovente prisioneiro. Mesmo depois de sua briga-

da ter deixado Miestietchko, mesmo quando a campanha militar retoma seu moroso rumo, amiúde imagina, entre as névoas de seu pensamento adolescente, que uma figura feminina o acaricie: ainda busca construir a imagem da mulher que o beijou com pedaços, com fragmentos das imagens das mulheres que viu na casa do general e que, pouco a pouco, a memória vai mitigando. Naturalmente, esse comportamento não é tão constante. Afinal, o ser humano que Tchekhov retrata não deixa de ser plural, feito de momentos que por vezes se contradizem. Assim, doravante, seu protagonista parece querer também se libertar, na lúcida compreensão de que esses sonhos despertos, esses devaneios que prazerosamente o atormentam são ridículos e tristes.

ele procurava convencer-se, escreve o narrador, de que o episódio do beijo podia ser interessante apenas como uma aventurazinha misteriosa, que em essência tal episódio era insignificante, e que pensar nele seriamente era pelo menos uma tolice; mas logo se descartou da lógica e entregou-se aos devaneios... Ora ele se imaginava nas salas de visitas em casa de Rabbek, ao lado de uma jovem que parecia com a senhorita lilá e com a loura de preto; ora cerrava os olhos e via-se com uma outra moça, completamente desconhecida, com rosto de traços muito indeterminados; mentalmente, falava, acariciava, inclinava-se sobre um ombro, imaginava a guerra e a separação, depois o regresso, a ceia com a mulher, visualizava os filhos... (TCHEKHOV, 2006, p. 28).

Esse flutuante comportamento se repete quando, depois, num jogo de cartas, Riabóvitch resolve contar sobre o beijo, «procurando dar à voz um tom indiferente, zombeteiro» (TCHÉKHOV, 2006, p. 30), a seus idiossincráticos companheiros, o calmo Tenente Mierzliakóv e o Tenente Lobitko; e quando este último acaba por desdenhar da atitude e daquela que o beijara, Riabóvitch —supõe-se que simplesmente para não ofender seu interlocutor— concorda. Doravante, quando participará das misóginas conversas com Lobitko, ficava sempre entristecido, pois se sentia profundamente culpado e pedia mentalmente perdão à sua “amada”! Tendo uma relação imaginária com uma pessoa real que não o conhece e possivelmente não se interesse por ele, Riabóvitch, sua consciência, oscila,

portanto, entre o desejo e a percepção da esterilidade desse desejo, entre uma idealização a supervalorizar o que lhe ocorreu e uma análise a objetivar o que lhe ocorreu, entre o ansiar um destino afortunado e improvável e o aceitar um destino desafortunado e provável; sua vida psíquica torna-se, portanto, uma amarga e trágica série de ciclos.

Passado um ano de campanha, a brigada da qual Riabóvitch faz parte retorna à aldeia de Miestietchko, e ele não deixa de sonhar em ser, outra vez, convidado à casa do Tenente-General Von Rabbek e de reencontrar a mesma mulher que por engano o beijara: «Perguntas atormentavam-no: como haveria de se encontrar com ela? Do que fariam? Ela não esquecera o beijo?» (TCHEKHOV, 2006, p. 32). À noite, como o convite não chega, ele impulsivamente caminha em direção à casa do general; mas seu entusiasmo e esperança logo se desfazem quando percebe que lá dentro não há ninguém. Retornando a sua antiga e amarga lucidez, parece então perceber, como que em definitivo, que seus sonhos despertos, que seus devaneios eram verdadeiramente ridículos.

‘Como é estúpido!’, pensou Riabóvitch [...]. ‘Como isso é pouco inteligente!’. Agora, quando ele não espera nada, a história do beijo, a sua impaciência, as esperanças vagas e a decepção apresentavam-se sob uma luz clara. Não lhe parecia já estranho não ter esperado o cavaleiro enviado pelo general, bem como o fato de que jamais veria aquela que o beijara em lugar de um outro; pelo contrário, o estranho seria se ele a encontrasse... E o mundo inteiro, toda a vida, pareceram a Riabóvitch uma brincadeira incompreensível, sem objeto... (TCHEKHOV, 2006, p. 34).

Mas, novamente, toda essa tomada de consciência deixa de ser. Pois, ironicamente, quando Riabóvitch retorna ao acampamento, avisam-no de que, durante a sua ausência, os oficiais de sua brigada saíram à casa do General Fontriábkin que os convidara; e «Por um instante, a alegria acendeu-se no peito de Riabóvitch, mas ele a apagou imediatamente, deitou-se na cama e, por pirraça ao seu destino, como que desejando fazer-lhe birra, não foi à casa do general.» (TCHEKHOV, 2006, p. 35). Assim Tchekhov finda seu

conto: com surpresa e com lúcido e amargo humor. O que ainda surpreende — algo relativamente panorâmico na narrativa do conto — é que o seu protagonista não é, por exemplo, um erudito sedentário que conhece o mundo mais através dos livros do que pela experiência direta, mas um homem que, apesar da sensibilidade extrema, devota-se, voluntariamente ou não, à vida ativa, um militar, alguém que supostamente possui ou deve possuir domínio de si mesmo, alguém que supostamente foi treinado ou adestrado para enfrentar os mais absurdos perigos. Mas o valor e a reação emocional dada a uma determinada experiência variam de pessoa a pessoa, de cultura a cultura: dessarte, a aventura amorosa com uma mulher, ou, ao menos, a sua remota possibilidade, pode ser um conflito tão ou mais intenso quanto estar na carnificina de uma batalha real. A hierarquia dos medos, dos anseios e das vergonhas não é universal; a morte e a dor física não são, necessariamente, os piores acontecimentos da vida humana.

REFERÊNCIA

TCHEKHOV, A. P. **O beijo e outras histórias.** Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2006.

O autor é doutorando em filosofia pela FFLCH-USP.